

DA EXPERIÊNCIA DO PIBID FILOSOFIA: NOTAS PROGRAMÁTICAS PARA (RE)PENSAR A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O ENSINO DE FILOSOFIA.

Marcio Soares¹
Tiago Fernando Soares de Oliveira²

INTRODUÇÃO

O presente texto parte do relato da experiência do PIBID Subprojeto Filosofia vivenciada no *Campus* Erechim da UFFS, sobretudo em sua última edição passada (Edital CAPES Nº 23/2022), ocorrida no período entre 01 de outubro de 2022 e 31 de março de 2024. Contudo, não nos restringiremos ao relato de experiência. Haja vista nossa permanência na Coordenação do PIBID Filosofia, no mesmo *Campus* da UFFS, em sua edição vigente, desde novembro de 2024 (Edital CAPES Nº 10/2024), a partir de toda essa experiência objetivamos sistematizar um conjunto de notas programáticas para pensar e repensar a formação de professores de filosofia e o próprio ensino de filosofia, seja na escola, seja nos cursos de graduação (licenciatura) em filosofia.

Ao relato das atividades desenvolvidas, em seu contexto, se soma uma avaliação das mesmas. Já no decorrer das atividades da edição passada do PIBID (2022-2024), tínhamos mapeado os principais limites operacionais em que esbarramos no desenvolvimento do projeto. Desse modo, a construção do Subprojeto atual do PIBID Filosofia da UFFS, para os *campi* de Erechim e Chapecó, visou superar alguns desses limites, ao prever de forma clara como operacionalizar suas atividades. Assim, queremos apresentar alguns elementos inovadores na concepção e construção do atual Subprojeto Filosofia PIBID da UFFS; tais elementos são frutos da experiência e da reflexão sobre ela, no desenvolvimento do PIBID Filosofia entre 2022 e 2024, no *Campus* Erechim. Por fim, dessa experiência do PIBID Filosofia, no mesmo *Campus*, das leituras, estudos e discussões coletivas realizados em tal projeto, da convivência com o contexto escolar, das trocas entre professor universitário e professor da escola de educação básica, bem como da convivência entre professores e alunos, a partir de tudo isso, queremos apontar algumas notas programáticas para pensar e repensar tanto a formação de professores de filosofia quanto o ensino de filosofia, conforme já apontamos acima. Dessa forma, o escopo de nossa apresentação, aqui, abrange tanto o relato reflexivo de uma experiência contínua e consequente do PIBID Filosofia, desde 2022, quanto a fixação de objetivos de pesquisa e reflexão filosófica e pedagógica em torno de grandes temas que nos concernem, a saber: a educação, a filosofia da educação, a escola, a universidade, a formação de professores e o ensino de filosofia.

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Coordenador de Área do PIBID Subprojeto Filosofia da UFFS, *Campus* Erechim/RS (Edital CAPES Nº 23/2022; Edital CAPES Nº 10/2024). Professor do Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura do *Campus* Erechim da UFFS. E-mails: soares@uffs.edu.br; soares.uffs@gmail.com.

² Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Supervisor do PIBID Subprojeto Filosofia da UFFS, *Campus* Erechim/RS (Edital CAPES Nº 23/2022; Edital CAPES Nº 10/2024). Professor efetivo da Rede Estadual de Educação Básica do Rio Grande do Sul; professor de filosofia na Escola Estadual Normal José Bonifácio, em Erechim/RS. E-mails: tiago-foliveira@educar.rs.gov.br; tiago_fso@yahoo.com.br.

1 METODOLOGIA

A metodologia empregada, aqui, é o relato reflexivo da experiência de desenvolvimento do Subprojeto Filosofia PIBID da UFFS, no *Campus* Erechim. Enfatizamos o aspecto *reflexivo* que determina e possibilita o relato, ao reconstruirmos discursivamente a concepção e a implementação do mesmo Subprojeto, em suas duas edições, tanto a passada (2022-2024) quanto a atual (2024-2026); o mesmo ocorre em relação à rememoração das atividades realizadas, dos limites e dificuldades com que nos deparamos, dos sucessos e fracassos que vivenciamos.

Nesse sentido, a *reflexividade* do relato é um condicionante metodológico e também teórico inescapável. De um lado, sabemos da impossibilidade de um suposto relato objetivo (ou neutro) dos fatos ocorridos, como se não estivéssemos falando de nós mesmos, de nossas próprias ações. Isso é simplesmente impossível. De outro lado, a consciência da reflexividade do relato, tomada como princípio metodológico e teórico, nos remete à origem etimológica e ao significado da própria noção de *reflexão*³: trata-se de olhar para si mesmo, de ver a própria imagem refletida (em espelho, *v.g.*). Assim, ao relatar e teorizar sobre a experiência vivida e as ações praticadas, objetivamos ‘ver a nossa própria imagem’, *i.e.*, olhar para o nosso trabalho, para a nossa atuação no PIBID. Evidentemente, esperamos que este olhar seja beneficiado pela distância proporcionada pela reflexão, benefício esse que dificilmente podemos alcançar no calor da ação. Além disso, também esperamos qualificar nossa ação, nossa prática cotidiana e constante, diante dos resultados positivos obtidos pela reflexão ao rememorarmos a experiência vivida.

Precisamente neste sentido que a *reflexividade* é um princípio metodológico e teórico: nos permite tanto rememorar a experiência vivida quanto pensar e repensar nossa ação e prática constantes. Acrescente-se a isso que nossa proposição de pensar programaticamente as grandes questões que envolvem a educação, as instituições educacionais (escola e universidade), a formação de professores e o ensino de filosofia é um esforço teórico, mas cuja motivação e finalidade estão enraizadas na prática cotidiana da ação pedagógica, em diferentes contextos, seja na escola, seja na universidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Nosso retorno às atividades do PIBID⁴, naquele ano de 2022, se deu de forma inesperada. Some-se a isso o difícil contexto pós-pandemia de COVID-19. De início, embora tivéssemos um projeto para o PIBID, sempre elaborado em conjunto com o Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura do *Campus* Chapecó da UFFS, como ainda é o caso na edição em curso (2024-2026), devemos admitir que nossas

³ A palavra ‘reflexão’ é herança do latim tardio: *reflexio, onis*, de *reflexum*; supino de *reflectere* (refletir) e de *flectere* (curvar, dobrar, vergar). Daí o sentido de ‘refletir(-se)’ como o ato ou efeito de curvar-se sobre si mesmo, de voltar-se a si mesmo, de concentrar-se sobre suas próprias ações e representações ou sentimentos. (Cf. Houaiss, 2009, p. 1631. Verbete: reflexão).

⁴ Referimo-nos ao retorno à Coordenação de Área do Subprojeto PIBID Filosofia; de fato, havíamos desempenhado essa função, junto ao Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura do *Campus* Erechim, na primeira edição do PIBID da UFFS, entre 2011 e 2014. Após esse período, ficamos afastados do PIBID até 2022. Além disso, profissionalmente (em atividades de ensino e pesquisa na UFFS) não nos ocupamos com questões relativas à educação, à formação de professores e ao ensino de filosofia no período mencionado. Daí falarmos em um ‘retorno’ ao PIBID e à lida profissional com essas questões. (Nota do professor Marcio Soares).

atividades foram marcadas pelo imprevisto, pelas tentativas de ensaio e erro. Tínhamos clareza de que os alunos licenciandos pibidianos deveriam estar o máximo possível na escola, de que o projeto deveria ser desenvolvido prioritariamente e sobretudo no contexto escolar. Algumas atividades eram previstas: acompanhar aulas de filosofia, na escola, sob orientação do Professor Supervisor; realizar pequenas intervenções didático-pedagógicas nas mesmas aulas de filosofia, com o tempo e o desenvolvimento do projeto; estabelecer contato e convivência dos alunos pibidianos com os alunos da escola; vivenciar o dia a dia escolar; realizar encontros periódicos de estudo e condução do trabalho da equipe do PIBID (professor universitário, professor da escola, alunos pibidianos). Mas, devemos admitir que, naquele momento, iniciamos as atividades do PIBID Filosofia, em Erechim, recuperando ações e direcionamentos reminiscentes de nossa atuação no mesmo projeto entre os anos de 2011 e 2014.

Desse modo, logo ficou clara a dificuldade de reunirmos toda a equipe do PIBID para encontros periódicos semanais. Haja vista que a CAPES permite que bolsistas pibidianos tenham vínculo empregatício paralelo, e que o Curso de Graduação em Filosofia do *Campus* Erechim da UFFS é noturno, nos sobravam apenas os fins de tarde, em horário muitíssimo apertado, para realização dos nossos encontros. A mesma dificuldade de tempo se refletiu na disponibilidade dos pibidianos de acompanharem aulas de filosofia na escola e frequentarem o próprio ambiente escolar.

Essas dificuldades de tempo persistem no atual desenvolvimento de nossas atividades do PIBID. Elas são agravadas para os pibidianos que, oriundos de outros municípios, se deslocam diariamente para a UFFS Erechim. A fim de amenizar a dificuldade de realizarmos encontros periódicos da equipe do PIBID, o atual Subprojeto Filosofia previu a oferta semestral de um CCR (optativo, de tópicos especiais) voltado para os alunos do PIBID, mas aberto à participação de alunos não pibidianos da Graduação, ao longo do desenvolvimento de todo o projeto. Essa ação foi prevista e implementada nos *Campi* de Erechim e de Chapecó, onde ocorre o PIBID Filosofia. A experiência em curso tem nos mostrado que tal ação garantiu espaço e tempo semanais qualificados para realização de estudos, debates teóricos e metodológicos e condução do projeto PIBID Filosofia. Nesse sentido, é importante ressaltar que tal ação foi resultado da reflexão sobre a nossa experiência passada no PIBID, entre 2022 e 2024. Nós a amadurecemos, especialmente na construção do projeto durante o primeiro semestre de 2024, e a fizemos constar no próprio Subprojeto Filosofia aprovado pela CAPES.

Mas, persistem as dificuldades relativas à disposição de tempo dos pibidianos para frequentar o ambiente escolar, durante os turnos diurnos, quando ocorrem as aulas de filosofia ministradas pelo Professor Supervisor na escola. Além do fato de que os pibidianos, em sua maioria, são trabalhadores em outros empregos remunerados (o que é permitido pela CAPES, ressaltamos), e que alguns deles são oriundos de outros municípios da região de Erechim, existem dificuldades relativas à própria presença e disposição das aulas de filosofia na escola: há apenas um período de aula semanal por turma, no Ensino Médio; agrava essa situação a volatilidade dos horários das aulas na escola, que mudam frequentemente, e causam dificuldades reais no planejamento da participação dos pibidianos nas aulas de filosofia. Isso impacta, de forma determinante e significativa, a implementação de um objetivo básico do PIBID: a frequência do ambiente escolar, em seu cotidiano, e a participação nas aulas de filosofia da escola. Tais limites são materiais e externos à implementação do projeto do PIBID; embora tentemos mitigá-los, eles

fogem ao nosso controle (na gestão do próprio projeto). É, enfim, segundo nos parece, uma condição consequente da situação socioeconômica comum da maioria dos estudantes dos Cursos de Licenciatura noturnos da UFFS *Campus* Erechim.

E, dadas as características da área de filosofia, entendemos que o Subprojeto Filosofia do PIBID tem duas ‘pernas’: uma, a necessidade de um debate teórico e metodológico constante sobre as questões que dizem respeito ao que seja a própria filosofia, à presença e ao estado atual dela no Brasil, à formação de professores de filosofia nos Cursos de Licenciatura e ao ensino de filosofia no contexto escolar. A outra ‘perna’ é a imprescindibilidade de que projeto PIBID se desenvolva, maximamente, no contexto escolar, i.e., que ele oportunize aos pibidianos a vivência cotidiana da prática pedagógica na escola, em sentido geral; mas, também, em sentido estrito, no acompanhamento, participação e exercício nas aulas de filosofia.

Nesse sentido, a proposição de um CCR semestral, ofertado pelos coordenadores de área do Subprojeto PIBID Filosofia, ao longo de todo o seu atual desenvolvimento, nos Cursos de Graduação em Filosofia – Licenciatura dos *Campi* de Erechim e de Chapecó da UFFS, voltado prioritariamente para os pibidianos, mas aberto à participação de não pibidianos, garante apoio seguro, de espaço e tempo semanais, para aquela primeira ‘perna’. Some-se a isso a concretização de um objetivo fundamental do programa PIBID, a saber: a inserção orgânica do mesmo nos currículos dos Cursos de Licenciatura, de tal modo que tal projeto realmente faça parte dos Cursos de Filosofia da UFFS, em nosso caso; isso é reforçado no fato de que o projeto PIBID está aberto, direta e indiretamente, em suas ações e impactos, ao oferecer condições materiais concretas (pela oferta de um CCR optativo), inclusive para alunos licenciandos não pibidianos nos Cursos de Filosofia da UFFS.

Mas, por outro lado, reconhecemos que permanecem as dificuldades e fragilidades relativas ao apoio de nossa segunda ‘perna’. Haja vista as razões expostas acima, a frequência de nossos pibidianos de Filosofia, no *Campus* Erechim, no ambiente escolar continua limitada. Estamos conscientes disso; e estamos procurando alternativas, soluções, que mitiguem essa condição que é externamente imposta à gestão e realização do nosso PIBID Filosofia, em Erechim. Nesse sentido, em que pesem as dificuldades materiais, nossa convicção de que o PIBID tem que proporcionar uma vivência prática no contexto pedagógico escolar, nas aulas de filosofia na escola, em nada é abalada. Em suma, estamos cientes de que se trata de um tema a ser enfrentado, reflexiva e praticamente, e de forma coletiva, seja pela nossa equipe do PIBID Filosofia, seja em nível institucional do PIBID UFFS, sem ignorar a realidade e suas condicionantes materiais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES: À GUIA DE CONCLUSÃO

Por fim, queremos apontar algumas notas programáticas para estudos, pesquisas, reflexões e debates contínuos, resultantes de nossas experiências e discussões à frente do PIBID Filosofia, no *Campus* Erechim, nos últimos três anos.

(a) desde a antiguidade grega, a filosofia sempre esteve em questão, sobretudo pelos próprios filósofos. Nesse sentido, embora a filosofia ocidental tenha historicamente se constituído em uma tradição de temas e métodos variados, em alguma medida convergentes, expressos em uma extensa coleção de textos filosóficos de diferentes estilos literários, nunca houve nenhum consenso sobre o que seja a própria ‘filosofia’, sobre quais sejam seus autênticos objetos de estudo e métodos de pesquisa. Recentemente, entretanto, especialmente aqui no Brasil, essa

tradição filosófica ocidental tem sido posta em xeque. A emergência de novos temas filosóficos – os decolonialismos, os feminismos e a presença/ausência (ou exclusão) das mulheres na tradição filosófica, as discussões de gênero, a emergência de filosofias não ocidentais, etc., apenas para citar alguns exemplos – impõe, mais do que nunca, a necessidade de se discutir os marcos teóricos e metodológicos (ou o estatuto epistemológico) daquilo que chamamos de ‘filosofia’. Esse é um debate inescapável, sempre presente, na condição de um pano de fundo, para qualquer proposição sobre o papel da filosofia na educação e na cultura, de um lado, e o ensino de filosofia e a formação de professores de filosofia, tanto na escola quanto na universidade, de outro lado.

(b) Ao tema anterior, sobre ‘o que é a filosofia’, soma-se o debate acerca da forma como a filosofia foi recebida e cultivada no Brasil, desde fins do século XIX, especialmente nas universidades (já no século XX), onde ela tem sido academicamente sistematizada e tornada matéria de ensino, base da formação de professores de filosofia. Nesse sentido, a atual crise dos cursos universitários de formação de professores, as licenciaturas, manifesta sobretudo no esvaziamento desses, realidade ainda mais aguda nos cursos de licenciatura em filosofia, põe a necessidade urgente de repensarmos: (1) a forma como a filosofia tem sido cultivada nas universidades brasileiras, desde o final da década de 1930; (2) a formação de professores de filosofia no nosso sistema universitário. Trata-se, aqui, de ‘duas faces da mesma moeda’.

(c) Por fim, e de forma conectada às duas problemáticas (a e b) recém-postas, é necessário repensar a presença da filosofia no contexto escolar e suas condições de ensino. Aqui, se trata tanto de revermos a condição precária da filosofia nos currículos escolares, cuja presença neles está sempre a perigo, quanto as questões teóricas e metodológicas da própria prática do ensino de filosofia na escola. Em suma, trata-se de buscar respostas para as seguintes questões: qual o papel da filosofia na educação das novas gerações, especialmente na escola? Como podemos ensinar filosofia? Ou, dito de outro modo, como podemos oportunizar que crianças e jovens tenham uma experiência filosófica que faça sentido em seu processo de formação e aprendizagem? Se não encontrarmos respostas razoáveis para essas questões, e que reflitam um consenso social e pedagógico mínimo em torno delas, continuaremos cultivando e ensinando filosofia, nas universidades e nas escolas, tal como nos movemos no escuro, à procura de algo que não sabemos exatamente o que seja.

À guisa de conclusão, afirmamos que todas aquelas questões, acima, são postas em um contexto de fundo muito mais abrangente, também descrito em perguntas diretas, a saber: queremos *educar e formar* pessoas *para quê*? Que tipo de *ensino* ainda é possível e necessário, em nossa época? Haja vista sua visível crise (talvez, obsolescência) atual, como a *escola* poderia e deveria ser (re)formatada? Por fim, qual o papel dos *professores* no sistema educacional atual e do futuro?

Enfim, essas são as ‘notas programáticas’, apresentadas em forma de questões e perguntas, que motivam nossas pesquisas, reflexões, debates e práticas pedagógicas desde nossa experiência no PIBID Filosofia, em Erechim.

REFERÊNCIAS

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.